

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Cecília Nobre Constantino¹
Gabriel Azevedo de Carvalho²
Francisco Maycon Passos Costa³

RESUMO

O desenvolvimento e exercício da sexualidade e gênero é inerente ao sujeito. Este artigo teve como objetivo discutir e tentar esclarecer reflexões acerca da realidade do ensino da Educação Sexual e se sua possível existência contribui para a formação da criança no ensino infantil, a partir do olhar de professoras da rede básica de ensino, em uma Unidade de Ensino Infantil (UEI), localizada em Mossoró/RN, e das perspectivas que a(s) Psicologia(s) traz(em) sobre o tema. Realizamos um estudo qualitativo com um recorte de três professoras atuantes na UEI estudada, indagando-as sobre o que concerne a subsistência, prática e eficácia da Educação Sexual no ensino formal inicial, entendendo que é na infância que acontecem grandes marcos do desenvolvimento. Os resultados foram construídos a partir de análises de entrevistas semiestruturadas que passaram por uma categorização e, em um segundo momento, realizou-se a análise dos discursos das professoras participantes. Ao decorrer do trabalho, notou-se o não reconhecimento total desse conteúdo em sala de aula, resultando em uma não segmentação do ensino, além da ascensão de pensamentos e práticas retrógradas, fortalecendo o limbo de desinformação e ignorância, ainda presente no Brasil, transformando essa prática em um conteúdo informal e negligenciado.

Palavras-chave: Educação Sexual, Psicologia, Gênero, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo possui como objetivo discutir e trazer reflexões acerca de como o ensino da educação sexual contribui para a formação da criança no ensino infantil a partir do olhar dos professores. O presente trabalho, em específico, abordará uma Unidade de Educação Infantil (UEI) na cidade de Mossoró/RN, realizando entrevistas semiestruturadas com três professoras

¹ Graduanda do curso de Psicologia, na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (cecilianobre_@hotmail.com).

² Graduando do curso de Psicologia, na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (gabrielazevedo13579@gmail.com).

³ Psicólogo (Universidade Estadual da Paraíba) e docente do curso de Psicologia na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (maycon@yahoo.com.br).

pedagogas (Carlota⁴, Laudelina⁵ e Celina⁶) feita com o auxílio de um orientador da área da Psicologia.

O presente trabalho busca esclarecer ao máximo, de forma científica, em que e como se manifestam as possíveis contribuições da Educação Sexual nas práticas educacionais no cotidiano da unidade de ensino estudada e no cenário brasileiro. Utilizou-se como base fundamental deste trabalho, o relato de experiência de Maia (2012) que está alicerçado pelo professor César Nunes (2000) com adjutório mais específico da Psicologia com os autores Ribeiro (2009) e Figueiró (2009), além de colocações necessárias de outros autores.

A pesquisa surgiu a partir da inquietação dos autores presentes, Constantino e Carvalho, sobre como ocorre um possível ensino da Educação Sexual no Brasil e se, de fato, ela contribui com aspectos facilitadores de entendimento do ser humano no mundo. Um fator primordial foi o momento atual que o país vivencia: ondas de obscurantismo e de desinformação extremas. É importante salientar os grandes números de denúncias que são feitos sobre abuso sexual infantil e adolescente (420 denúncias em 2017, apenas no Rio Grande do Norte, segundo o Ministério dos Direitos Humanos) e se, de alguma forma, a compreensão de uma Educação Sexual poderia ajudar o entendimento geral da população – até mesmo em termos de prevenção – e dignificar a vida das vítimas.

METODOLOGIA

O presente trabalho teve sua gênese na curiosidade e inquietação dos autores acerca da existência e sistematização de uma possível Educação Sexual, suscitada em diálogos durante as aulas da disciplina “Psicologia e Aprendizagem”. Apurando, assim, por meio de nosso trabalho a veracidade de suposições sobre o que envolve a Educação Sexual para crianças, buscando entender essa pauta nas instituições de educação infantil, desmistificando o assunto e compreendendo suas possíveis contribuições. Tema esse, que foi polemizado principalmente

⁴ Em referência à Carlota Pereira de Queirós, sendo a primeira mulher, no Brasil, a ser eleita como deputada federal. Atuou como médica, escritora e pedagoga, estudou dietética infantil na Europa, onde o movimento sufragista vigorava. Voltando ao Brasil, foi organizadora da assistência aos feridos da Revolução Constitucionalista. Carlota foi a única mulher eleita deputada à Assembleia Nacional Constituinte, em maio de 1933.

⁵ Laudelina de Campos Melo foi uma brasileira defensora incansável dos direitos das mulheres e das empregadas domésticas, fundadora da Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas. Atuou nas universidades brasileiras por mais de trinta anos e, perto de seu falecimento, foi eleita, por reconhecimento de sua competência, Chefe do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

⁶ Celina Guimarães Viana tornou-se a primeira mulher a exercer o direito de voto no Brasil, em Mossoró, no Rio Grande do Norte.

nos anos anteriores pela mídia, sabido que envolve muitas questões que inquietam a classe conservadora rompendo com paradigmas e tabus impostos na cultura.

Para a realização deste trabalho, entrevistou-se um número de três professoras, com média de 25 anos a 49 anos. Nosso recorte foi feito em decorrência do pequeno número de discentes e docentes atuantes na UEI estudada que pertence a rede pública de ensino e está locada na periferia da cidade, uma instituição de pequeno porte no município de Mossoró, no Rio Grande do Norte. A escolha das professoras fundamentou-se no interesse em relação ao tema estudado. Nossos encontros se deram entre os dias 2 e 5 de junho, no ano de 2019, sempre pelo horário da manhã.

Para o desenvolvimento do presente artigo, realizamos um estudo qualitativo, com entrevistas individuais, fazendo o necessário para deixar as professoras confortáveis para responder ou não as perguntas durante a conversa. Foi realizado um questionário semiestruturado em que as perguntas falavam a respeito da Educação Sexual, sua magnitude e sua potencial existência em sala de aula de forma subjetiva.

Os resultados foram construídos a partir da análise das entrevistas semiestruturadas, que após serem transcritas, passaram por uma categorização conforme estabelecido no objetivo do trabalho. Em um segundo momento, realizou-se a análise do discurso das professoras participantes, conforme Bardin⁷.

DESENVOLVIMENTO

O QUE É EDUCAÇÃO SEXUAL?

O termo Educação Sexual caracteriza-se pela “forma de instrução em processos reprodutivos que é apresentado em um cenário de sala de aula. A educação sexual fornece a adolescentes jovens informação competente e objetiva sobre os aspectos psicológicos e físicos do comportamento sexual” (APA, 2010, p. 318). Confunde-se, facilmente, pelo senso comum, o ensino da Educação Sexual com a utilização, em sala de aula, de práticas oriundas do campo erótico, fazendo com que haja uma superproteção por parte da instituição familiar com as crianças.

⁷ Para Laurence Bardin, escolhida neste artigo como referencial devido à ampla utilização desta autora nas pesquisas de Enfermagem, a análise do conteúdo ou do discurso é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Além disso, há uma fantasia conservadora que habita o Brasil, encobrindo o que já esteve e ainda está exposto de forma sexualizada, mas que se é permitido de forma extremamente naturalizada pelos brasileiros. O imaginário conservador exposto na realidade brasileira faz com que haja um obscurantismo relativo ao entendimento do que é a sexualidade – sendo entendida de uma forma longínqua à compreensão psicanalítica – e como dá-se o ensino em um plano educacional. De acordo com Laplanche, sexualidade, para a psicanálise:

Não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual. (LAPLANCHE; PONTAILS, 1982, p. 476)

A Educação Sexual parte da perspectiva de tratar o assunto por um viés científico, mas não se restringe a abordar apenas a fisiologia em termos de reprodução do ser humano, busca-se uma comunicação e um contato humano, entendendo o ser como um indivíduo que deseja e que demanda uma compreensão digna do encadeamento geral do que concerne sua relação com seu próprio corpo e, conseqüentemente, com o (corpo) do outro. De acordo com Maia (2012, p. 152):

A escola tem sido uma das instituições privilegiadas para realizar a educação sexual. Além de ser um espaço formativo e humanizador, há como prerrogativa legal o incentivo governamental para que se ofereça nesse âmbito o esclarecimento formal sobre sexualidade – como pode ser visto no volume 10 dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental. (BRASIL, 1997)

O direito dos sujeitos à Educação Sexual e todas as reflexões a respeito de saúde e sexualidade não deve se limitar às questões preventivas ou biológicas. É importante salientar que as instituições forneçam processos de formação para o corpo docente, posto que não é regra que os professores já estejam preparados para lidar com essa forma de ensino e os próprios conteúdos envolvendo a(s) sexualidade(s) humanas.

DISCUSSÕES DA(S) PSICOLOGIA(S) ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Existe, hoje, dentro do campo das Ciências Humanas e da(s) Psicologia(s), discussões contínuas no que concerne à Educação Sexual, havendo estudos formidáveis a partir de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

literaturas remotas e contemporâneas. Dentro dos debates sobre o ensino da Educação Sexual dentro das escolas, nota-se receios e preocupações comuns aos pais, relativas à de que forma essa educação acontecerá, mostrando uma apreensão de haver o envolvimento de questões pessoais do docente nessa prática, podendo enviesar o pensamento dos estudantes. Porém, dentro do panorama projetivo ideal dessa formação, não poderá existir essa influência, posto que o objetivo que a temática suscita é de haver um espaço confortável e acolhedor para debates e esclarecimentos confiáveis a respeito de dúvidas, medos, angústias e curiosidades atribuíveis à sexualidade e gênero em seu geral, como explicita Figueiró (2009, p. 143):

Alguns pais preocupam-se, justamente, por temer que os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes), temem que professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento. O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham lhes inculcar idéias de pecado. Teriam direito, os professores, de influenciar seus alunos com seus valores pessoais sobre o que consideram certo ou errado? Certamente que não; cabe a eles criar oportunidades várias, de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros. Cabe também ao professor, fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade.

Seguindo a discussão, Figueiró (2009) salienta a importância de abraçar as importantes curiosidades das crianças, buscando não limitar ou anular suas questões com rompimentos bruscos inclusos nas respostas à essas indagações, comportamento este observado frequentemente pela autora, ao modo que:

Diante da instrução de alguns estudiosos da Educação Sexual de que só se deve responder ao que a criança pergunta, satisfazendo a curiosidade do momento, eu refuto, afirmando que, não basta responder, é preciso conversar. Portanto, uma pergunta feita por uma criança pode ser uma “porta” para um bom e proveitoso bate-papo sobre sexualidade. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 148)

Dessa maneira, há a possibilidade de os estudantes começarem a desenvolver a confiança de depositarem suas inquietudes naquele meio e nas pessoas ali presentes, formando uma atmosfera singular de segurança e, conseqüentemente, de autoconfiança vinculada ao próprio discente.

Um ponto de dúvida crucial dentro do ensino da Educação Sexual, principalmente por parte do corpo docente, é entender como ocorrerá esse ensino dentro de sala e quais meios

poderão ser utilizados para a efetivação dessa prática. Figueiró (2009) descreve um exemplo de grande importância que busca auxiliar esse ensino, sugerindo uma:

Dinâmica da “dessensibilização pela palavra”, que consiste, justamente, em criar oportunidades para que os educandos pronunciem, em situação de grupo, as terminologias científicas e, em especial, os apelidos ligados aos órgãos sexuais, assim como todas as palavras que têm a ver com sexo. Na seqüência dessa dinâmica, é importante dar espaço para que cada um possa refletir e falar sobre os sentimentos que as palavras mobilizaram durante exercício ou vem mobilizando em sua vida cotidiana. Pode ser funcional com educandos das várias faixas etárias, assim como com professores em situação de formação. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 149)

Dessa forma, acentua-se uma naturalidade do uso dessas palavras, procurando-se desconstruir uma possível ideia de vulgaridade ligada à essa forma de linguagem, despedaçando e desmistificando, aos poucos, séculos de um simulado puritanismo dentro do Brasil.

É de grande notabilidade os estudos sobre a Educação Sexual no Brasil (bastante amplos e diversificados), com argumentações científicas e discussões extremamente humanizadas de forma aprofundada, evidenciando, inclusive, processos facilitadores no que tange o próprio ensino das questões abarcadas pelo ensino da Educação Sexual, deixando de lado o uso restrito de formas rígidas, metódicas e antinaturais de educação, abrindo espaço para novas metodologias elucidativas e maior viabilidade de aproximação entre professor e estudante.

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL SOB AS COMPREENSÕES DA(S) PSICOLOGIA(S)

O âmbito escolar é um lugar privilegiado para realização da Educação Sexual formal e articulada, dado que crianças e adolescentes permanecem um tempo significativo na escola e outros agentes de Educação Sexual, como internet e mídia, fornecem frequentemente educação não estruturada, além de que as primeiras vivências afeto amorosas acontecem em idade escolar e existem na instituição os recursos humanos e materiais para a concretização da educação.

A Educação Sexual na escola também contribui para sua promoção em família gerando diálogos pertinentes (RAMIRO; MATOS, 2007). Mostrando, assim, a magnitude da instituição para o caráter formativo dessa problemática que rodeia as crianças em suas fazes

iniciais de ensino, tendo em vista que tal ensinamento deva ser posto em prática o quanto antes.

No artigo citado, as autoras fizeram um relato de experiência em 2011, sobre uma intervenção contínua em uma escola com alunos da educação básica, durante quinze encontros com estudantes, pais e a direção da escola. Com um convite para refletir os conteúdos da Educação Sexual na escola, dificuldades da mesma e impasses encontrados e também suas consequências, introduzindo temas que abarcassem identidade, regras de convívio, conceitos, saúde e violências.

É explícita a deficiência no preparo dos docentes sobre um arcabouço atual de teorias e práticas da educação sexual no Brasil, isentando-se assim da responsabilidade para com as diversas ramificações de violência e ignorância que são reverberados a partir desse desleixo para com esse conteúdo de extrema importância, relevância essa que é reconhecida em documentos do MEC (Ministério da Educação, 2014):

Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas. Finalmente pode-se afirmar que a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014).

Destaca-se, assim, a valia e a dimensão de tal conteúdo frente as diversas demandas, como o conhecimento do corpo, reconhecimento do limite do corpo e o corpo do outro, violências múltiplas e suas curiosidades. Aliando, dessa forma, conhecimento ao longo do desenvolvimento dessas crianças, tirando-as de um limbo de ignorância formado por paradigmas culturais e sociais, além de uma educação conservadora que as deixam imóveis diante de casos de violências diversas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas realizadas não possuíram como finalidade principal o recolhimento de dados concretos e materiais, que proporcionassem uma criação de quadros e tabelas, mas sim, tentar estabelecer um diálogo educativo e provocador no que concerne à Educação Sexual na EI (Educação Infantil), com as professoras Carlota, Laudelina e Celina (nomes fictícios), docentes da rede pública, participantes sobre esse conteúdo e a validação do mesmo dentro de sala e suas contribuições. Para um melhor entendimento dos resultados de nossa pesquisa, subdividimos tópicos, separando em quatro diferentes eixos nossa pesquisa visando assim um melhor entendimento.

Adianta-se que todas as repostas foram próximas umas das outras, até mesmo em decorrência do estudo ter sido realizada na mesma instituição. De início, algumas das participantes se mostraram nervosas e um pouco receosas por estarem falando sobre um tema “polêmico” no atual momento político que respalda a ascensão do conservadorismo em todos os meios e vias de fato, mas, logo após o início da entrevista, todas se mostraram muito prestativas e abertas a falar sobre suas atuações e vivências dentro da sala de aula.

A NÃO EXISTÊNCIA DE UMA SISTEMATIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SEXUAL BRASILEIRA

Ao início do questionário, foram realizadas perguntas que indagavam se a Educação Sexual é, realmente, uma realidade na UEI estudada, e, se sim, como ocorria a aplicação teórico-prática da mesma. As respostas deixaram claro, em todas as falas, que esse estudo não existia na instituição e sequer havia uma sistematização de uma teoria aliada a práxis acerca da Educação Sexual. Essa falta que preenche a não-estruturação do estudo-ensino fica explícita nos discursos das docentes.

A importância profícua do ensino sobre essa temática é sempre salientada nos enunciados das professoras, como expressa a participante Laudelina que, neste pronunciamento, deixa nítida a necessidade das crianças a respeito desse ensino, acentuando sobre a questão do conhecimento do corpo e seus limites:

Eu acho que as crianças precisam ter essa orientação sexual no sentido de descobrir aos poucos o seu corpo e o dos colegas, o que é menino e o que é menina, o que é possível dela conhecer, os limites do corpo dela e do outro, o respeito, o cuidado.
(sic)

Descobre-se, a partir das respostas das professoras, que não existe uma política de ES (Educação Sexual), mas sim de reconhecimento de seus corpos e integridade física. Nessa

dimensão, nota-se que o combate à violência e o conhecimento de si na Educação Infantil não é ausente, mas ainda se mostra ineficiente no que se refere às demandas encontradas em sala de aula, por falta de uma sistematização e arcabouço teórico.

Todavia, todas elas comprovam e percebe-se presente em suas falas, que o fato do conteúdo em si não ser segmentado e também não estar na BNCC, não determina que ele não seja trabalhado em sala de aula. A participante Laudelina (2019) contribui expressando: “Sim, a gente aproveita as oportunidades, por meio de algum desentendimento na sala, alguma descoberta inusitada. Vamos tentando passar pra eles o que significa essa questão do sexo, não do ato, mas sim do gênero.” Desmistificando, dessa maneira, para as crianças que sexo não é só o ato em si, mas sim um compilado de diversas temáticas, inclusive as “descobertas inusitadas” que devem ser tratadas com naturalidade e fluidez desde cedo.

O COMBATE À VIOLÊNCIA E EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO DIA 18 DE MAIO

Grande parte de toda discussão que gira em torno da ES é essencialmente discutida em decorrência do Dia Nacional do Combate à Violência e Exploração Sexual Infantil, que é memorado no dia 18 de maio na ação nomeada “Faça Bonito”, que acontece em todo o Brasil. A campanha não se volta só ao dia específico, mas toda a semana é pensada frente a temática como forma preventiva e educativa, conversada em sala de aula por todos os professores e alunos. A importância da existência desse dia é explanada pela participante Laudelina:

No dia 18, trabalhamos bastante com eles, com música, vídeos, rodas de conversa, sempre explicando o que significa tudo isso de forma bem infantil, mas de modo que eles compreendam que é um tema sério. Com as brincadeiras didáticas, eles conseguem ter essa compreensão, mesmo que seja um entendimento inicial. (sic)

As rodas de conversas, as dinâmicas e os meios lúdicos para a conscientização do corpo e do toque são de extrema importância para o desenvolvimento das crianças. Em vista disso, Carlota relata, durante a entrevista, a relação da atuação dela perante a violência e o abuso com crianças e se a temática estava sendo trabalhada com seus alunos:

Com certeza, principalmente de uns anos para cá, em que há toda essa campanha de combate ao abuso com crianças e diante dos fatos que sempre aconteceram e as crianças ficavam caladas, até porque, muitas vezes, as crianças se abrem mais com a gente da escola do que com a própria mãe em casa. Todo ano, quando há algum motivo ou notícia de criança que foi abusada ou violentada, eu sempre converso com eles sobre isso, principalmente sobre os mais próximos, os familiares, mostrando

esse cuidado que eles devem ter nas carícias, no pegar no corpo. Procuo meios lúdicos para termos uma aproximação maior. (sic)

Vale salientar um dado de muita relevância fornecido por uma das professoras presentes no estudo, em que nos maiores casos de violência há atribuição das atitudes violentadoras geradas na família, como explicita Habigzang et al. (2005, p. 343):

A maioria dos abusos sexuais cometidos contra crianças e adolescentes ocorre dentro de casa e são perpetrados por pessoas próximas, que desempenham papel de cuidador destas, e em 57,4% dos casos, o agressor era pai da vítima e em 37,2% dos casos, este era padrasto ou pai adotivo desta. Estes resultados corroboram a literatura especializada que aponta que o abuso sexual contra crianças e adolescentes é perpetrado, na maioria dos casos, por cuidadores do sexo masculino. Este fenômeno pode ser compreendido por meio de aspectos sociais e culturais que envolvem a desigualdade, a dominação de gênero e de gerações.

Logo, isto posto, torna-se evidente a magnitude, a seriedade e a influência que o dia 18 de maio traz para dentro dos âmbitos educacionais com ênfase no público infantil, ocasionando um possível crescimento da consciência das crianças, dado que, muitas vezes, é nesse período que elas descobrem o que é e o que significa o abuso para com elas, fazendo com que crie-se uma confiança delas próprias denunciarem às professoras algo desse padrão de violência que tenha acontecido com elas.

A EDUCAÇÃO SEXUAL CONTRIBUI EFETIVAMENTE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL?

No decorrer das entrevistas e a partir da realidade das professoras na UEI, ficou claro o quão delicadas são as possibilidades de inovação e de dinamicidade de ensino. Muitos alunos da instituição vêm de famílias com baixo poder aquisitivo, contando assim com um limitado poder de informação, podendo haver maior suscetibilidade às diversas formas de violência, uma vez que, na maioria das vezes, não foram instruídas para reportar quando um feito dessa espécie acontecer ou, até mesmo, entender o que é essa violência e como ela acontece.

Identidade e autonomia são pontos imprescindíveis para suscitar debates com as crianças, posto que estão se desenvolvendo e aprendendo a fazer suas próprias tarefas, adquirindo novos aprendizados, além de tais temas existirem como gênese da Educação Sexual, dado que, só a partir do conhecer a si é possível conhecer o outro e, por consequência, o mundo.

A família também precisa estar alerta ao que acontece com a criança e não, somente, esperar que o próprio sujeito ou outra instituição intervenha em casos múltiplos, desde dúvidas inusitadas feitas sobre quaisquer perspectivas que comporta a sexualidade humana, até em casos de violência e exploração, como cita a professora Celina:

Eu acho que tem que existir sim, claro que é preciso que exista uma normatização e uma orientação pra que as pessoas compreendam que não é fácil trabalhar de qualquer forma, tudo que trata de educação infantil tem que ser muito bem pensado e planejado. Tem a escola e também tem a família, não podemos invadir o espaço das famílias. Precisamos orientá-las, mas sempre respeitando o espaço da família. Mas é importante sim, para que se quebrem muitos tabus e paradigmas. (sic)

Sob a ótica das entrevistadas, a perspectiva de contribuição da Educação Sexual para a Educação Infantil é extremamente construtiva e esperançosa para uma vida mais digna para as crianças e para seus futuros como seres humanos dignos e autoconfiantes, havendo a necessidade assídua de uma sistematização de conteúdos e formas de aprender e repassar esse ensino com profissionalismo e compromisso para com esse horizonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de toda a conjuntura do artigo presente e tendo em vista a onda conservadora ascendente no Brasil, evidencia-se, através da revisão bibliográfica executada e da análise dos discursos com as professoras entrevistadas, a importância de uma discussão e consequente sistematização de um ensino voltado à Educação Sexual no país.

O número de denúncias relacionadas ao abuso e exploração infantil são enormes, deixando claro que, dificilmente, chega perto da realidade brasileira, visto que, pela falta de conhecimento e pelo medo, muitas denúncias não são realizadas. A Educação Sexual busca atuar de forma a levar entendimento e compreensão para as crianças e toda a rede que lhe abarca, contando com a instituição familiar e a escolar.

Em momento algum, na fala das professoras e nos estudos bibliográficos, a aquisição do conhecimento referente à Educação Sexual e seu ensino contemplam situações constrangedoras ou aproveitadoras, pelo contrário. Percebe-se e evidencia-se, a todo momento, uma preocupação afetiva benéfica e uma atenção cuidadosa ofertada aos discentes pelo corpo docente.

Urge, no Brasil, a extrema necessidade dessa temática estar sendo abordada constantemente dentro dos âmbitos escolares. A Educação Sexual é manifestada humanamente e dignamente,

levando contribuições assertivas às crianças que possuirão esse conhecimento, além da perspectiva grandiosa de prevenção à possíveis abusos que poderão sofrer.

REFERÊNCIAS

RAMIRO, L. e MATOS, M. (2007). **Percepções de professores portugueses sobre educação sexual**. Revista de Saúde Pública. 42 (4), 2007.

NAGEL, L. Educação **dos alunos (ou filhos) da PósModernidade**: Conselho Regional de Psicologia: Maringá-PR, 2005.

Portal.mec.gov.br. (2019) [online] disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf> [Acesso em 27 de maio de 2019].

FAÇA BONITO, 2019. Faça Bonito. [online] disponível em: <https://www.facabonito.org.br/> [Acesso em 12 jun. 2019].

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; EIDT, Nadia Mara; TERRA, Bruna Mares; MAIA, Gabriela Lins. **Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 1, p. 151-156, jan./mar. 2012.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: como ensinar no espaço da escola. 2009, p. 141-172.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. 190p.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ASSOCIATION, American Psychological (APA). **Dicionário de Psicologia**. Brasil: Artmed. 2010, 1042p.

AUTOR DESCONHECIDO. **O seu corpo é um tesourinho**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qCePUmhrzgc>. Acesso em 13 jun. 2019.